

UDC 811.134.3'42

811.131.1'42

Original scientific paper

Recebido a 23 Outubro de 2011

Aceite para a publicação a 15 Novembro 2011

## Equivalentes funcionais de *então* no italiano: uma contribuição para o estudo dos marcadores discursivos

Nina Lanović  
Faculdade de Letras  
Universidade de Zagreb  
nina.lanovic@ffzg.hr

Magdalena Nigoević  
Faculdade de Letras  
Universidade de Split  
magda@ffst.hr

O objeto do presente trabalho é *então*, uma unidade bem frequente do português contemporâneo que, devido ao processo de gramaticalização, perdeu em grande parte o seu valor adverbial para assumir funções de vários marcadores discursivos. Propusemo-nos submetê-la a uma análise contrastiva (método raramente usado pelos linguistas portugueses na investigação dos marcadores discursivos) num corpus restrito – o romance *Sei lá* de M. Rebelo Pinto e a sua tradução italiana. O nosso objetivo principal foi verificar o grau de gramaticalização da unidade *então* no português contemporâneo, identificar e descrever tipos e frequência de suas múltiplas funções discursivas, tudo isso com base na comparação dos usos de *então* registados no corpus com os seus equivalentes funcionais na tradução italiana.

### 1. Introdução

Devido ao crescimento da importância da análise do discurso na linguística das últimas décadas, cada vez mais se assiste ao despertar do interesse pelos fenómenos difíceis de explicar no âmbito das correntes tradicionais. Os elementos linguísticos que dantes eram descuidados, considerados redundantes, até anómalos, hoje em dia tratam-se como elementos funcionais importantes do discurso.

O objeto do presente trabalho é a palavra portuguesa *então*, bem como os seus equivalentes no italiano. Fica logo óbvio que uma abordagem estritamente gramatical ou semântica não pode elucidar de uma maneira satisfatória a categoria que já passou pelo processo de gramaticalização; a unidade *então* tem assumido, em detrimento do seu valor adverbial, as funções de vários

marcadores discursivos. Na tradução dos marcadores discursivos para outro idioma procura-se encontrar um equivalente funcional, mas não são raros os casos em que um marcador discursivo fica simplesmente omitido por ser considerado semanticamente vazio.

## 2. Marcadores discursivos

Os marcadores discursivos definem-se como um conjunto heterogêneo de elementos linguísticos que marcam partes do discurso, indicando possibilidades de interpretação mais direta e de compreensão dessas partes no contexto discursivo mais amplo. Uma tal definição destaca o estatuto funcional desses elementos, mas a categoria igualmente implica algumas propriedades formais em comum. As mais salientes são: autonomia prosódica, formas foneticamente reduzidas, indefinição relativamente às categorias gramaticais tradicionais, autonomia sintática e semântica, prevailecimento de posicionamento inicial, possibilidade de uso cumulativo ou em combinação com outros marcadores etc.<sup>1</sup>

Os valores dos marcadores discursivos são definidos, em grande medida, pelo seu significado lexical precedente ou paralelo, sincrónico. Por outras palavras, nascem dos elementos linguísticos sintática e semanticamente definidos, dos quais herdam propriedades de indicadores no processo de comunicação.

Os marcadores discursivos representam um fenómeno linguístico relativamente recente, não sendo de estranhar o facto de terem surgido dos estudos sócio e pragmalinguísticos americanos, dada a preocupação tradicional americana pela língua falada. Apesar do interesse que, sob influência dos investigadores norte-americanos, têm nas últimas décadas despertado entre os linguistas em todo o mundo, manifestado por um número elevado de unidades bibliográficas a eles dedicadas, ainda existem diferenças consideráveis nas conceções de classificação, definição, até de designação comum que se atribui a essa categoria de unidades.

### 2.1. Termo

Uma gama tão ampla de termos reflete diferenças entre várias perspetivas que levam a uma variedade de definições e classificações de marcadores discursivos, implicando divergências na identificação das suas funções.

A designação mais generalizada é a proveniente da área linguística anglófona – *marcadores discursivos* (*discourse markers*).<sup>2</sup> Esse termo pode ser interpretado num

---

<sup>1</sup> Vejam-se, entre outros: Schiffrin (1987), Sperber/Wilson (1995), Bazzanella (1995), Fraser (1996), Hansen (1998), Jucker/Ziv (1998), Blakemore (2002), ou as referências bibliográficas nessas obras indicadas.

<sup>2</sup> No italiano, para designar esses elementos linguísticos utilizam-se com maior frequência os seguintes termos: *connettivi testuali* (Berretta 1984), *demarcativi* (Seriani 1996), *indicatori fatici* (Bazzanella 1994), *marcatori discorsivi* (Contento 1994), *marcatori pragmatici* (Stame 1994), *particelle discorsive* (Berretta 1994), *segnali discorsivi* (Bazzanella 1995, 2001).

sentido amplo, em que abrange marcadores verbais e não-verbais que apontam para condições contextuais em que se realiza a comunicação (Schiffrin 1987) ou, por outro lado, num sentido mais restrito, em que marcadores discursivos representam elementos exclusivamente linguísticos que interligam segmentos do discurso (Fraser 2006), compreendendo conexões sintáticas e textuais, ou seja, vários tipos de conectores. Nalgumas interpretações este termo corresponde ao de marcador discursivo, referindo-se a diferentes aspetos do mesmo fenómeno, enquanto para outros autores conector é um termo subordinado, referente a um subconjunto de marcadores discursivos.<sup>3</sup>

Linguistas portugueses e brasileiros também preferem o termo mais «neutro»: *marcador discursivo* (Macário Lopes 1997; Riso/Silva/Urbano 1997; Soares da Silva 2002, 2004; Martelotta 2004; Morais 2004, 2006). Esse termo, que subentende tanto funções textuais como interacionais, coexiste com outros, de significado próximo mas nem sempre sinonímicos, uns mais específicos do que outros: *articulador discursivo* (Riso 1996), *conector* e *conector discursivo* (Lima 1996; Tavares 1999; Mateus *et al.* 2003), *marcador conversacional* (Marcuschi 1989), *marcador de estruturação conversacional* (Macário Lopes 1997; Morais 2006), *marcador fático* (Lima 2002), *operador argumentativo* (Martelotta/Silva 1996; Macário Lopes 1997), *operador discursivo* (Macário Lopes 1997; Pezatti 2001), *partícula discursiva/interaccional* (Schmidt-Radefeldt 1993; Macário Lopes 1997) etc. É desde os anos 90 do século passado que essa categoria de unidades linguísticas tem despertado o interesse dos estudiosos notáveis portugueses e brasileiros, dedicados a vários domínios: linguística textual e estudos do discurso, semântica e pragmática, sintaxe, gramática funcional e outros. A motivação para a investigação surge em muitos casos da necessidade de definir e descrever algumas unidades particulares polifuncionais da língua portuguesa, de comportamento linguístico não-homogéneo e classificação gramatical difícil – tal como *então*, observado no presente trabalho.

## 2.2. Derivação dos marcadores discursivos

É geralmente considerado que marcadores discursivos derivam do processo de gramaticalização,<sup>4</sup> devido a mudanças semânticas que ocorrem no decurso desse processo. Nessa aceção, o processo de gramaticalização não é compreendido na sua interpretação original, de «emprego de um elemento lexical com função de um elemento gramatical», mas num sentido mais lato

<sup>3</sup> „I consider that discourse markers are hyperonyms of connectives; therefore, there is an entailment relationship between them whereby every connective is a DM but not every DM is a connective.“ (Pons Bordería 2006: 80). Veja-se também Portolés (1998: 36-37).

<sup>4</sup> Numa definição clássica, o processo de gramaticalização é visto como “[t]he change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions“ (Hopper/Traugott 2003: 232).

de «perda do significado primário». É que durante esse processo o significado lexical de um elemento linguístico gradualmente desvanece (ingl. *semantic bleaching*) para esse elemento passar a assumir outras funções. Quanto maior o grau de lexicalização ou gramaticalização de um item linguístico, maior o seu valor pragmático. Uma tendência geral de mudanças lexicais é ocorrerem a partir do significado proposicional, passando pelo textual, em direção ao discursivo (Hansen 1998b: 240). Transformações semânticas são unidirecionais – desde o significado lógico até ao pragmático, nunca no sentido contrário. Desse modo, ao longo do tempo, o significado refere-se cada vez menos à situação objetiva, para assumir uma marca de subjetividade que implica a atitude do falante, passa a referir-se mais à situação discursiva do que à real, refere-se cada vez menos à realidade extralinguística e mais à intralinguística (da comunicação). Marcadores discursivos nascem efetivamente do desejo do locutor de oferecer ao interlocutor algumas instruções para interpretação de um enunciado num dado contexto. Numa perspetiva sincrónica, tal processo leva ao surgimento de relações polissémicas entre marcadores discursivos e seus pares lexicais que mantiveram o significado proposicional, de maneira que novos significados e funções coexistem com os precedentes. No presente estudo, poderemos verificá-lo contrastando *então* advérbio temporal com suas funções discursivas que tivermos registado nos exemplos do nosso corpus.

### 2.3. Tradução dos marcadores discursivos

Dependência do contexto e polifuncionalidade, indefinição e opacidade semântica dos marcadores discursivos dificultam a sua tradução de um idioma para outro. A sua polifuncionalidade fá-los ambi- ou polivalentes e não são fáceis de reconhecer; tudo isso representa um problema no processo de tradução. Há casos em que ficam omitidos simplesmente por os considerarem resíduos da fala, elementos redundantes e indesejáveis, e outras vezes a razão jaz na diversidade de possibilidades de que vários idiomas dispõem para expressão de funções discursivas. As funções dos marcadores definem-se só em relação ao uso específico num contexto determinado. Numa língua, um certo marcador discursivo é capaz de assumir toda uma série de funções e é possível que o equivalente escolhido noutra língua não corresponda a todas as nuances de significado, a todos os valores que ele pode ter na língua de partida (Bazzanella *et al.* 2007). Por esse motivo, os tradutores são obrigados a procurar noutro idioma um correspondente linguístico que tenha, no mesmo contexto, propriedades funcionais idênticas, ou pelo menos tão semelhantes quanto possível.

Segundo muitos autores (Fischer/Drescher 1996; Aijmer *et al.* 2006; Bazzanella 2006), a análise contrastiva pode ser um método útil para investigação dos marcadores discursivos, mostrando que os equivalentes funcionais frequentemente pertencem a categorias gramaticais e sintáticas completamente diferentes. A grande maioria dos estudos contrastivos refere-se à comparação dos marcadores discursivos ingleses com os de outros idiomas (o que é compreensível, posto que o impulso pela investigação desses elementos linguísticos veio dos

países anglófonos), enquanto estudos que contrastam marcadores discursivos de outras línguas são muito raros.<sup>5</sup> Por isso pensamos que uma abordagem contrastiva dos equivalentes discursivos de *então* português no italiano pode contribuir para as investigações lexicológicas e tradutológicas, para a pragmática intercultural luso-italiana, como também para um melhor entendimento de ambas as línguas em geral.

### 3. *Então*: estatuto e descrição

O tratamento de *então* nas gramáticas portuguesas reflete dificuldades na sua classificação: Cunha e Cintra classificam essa unidade entre advérbios de tempo e «palavras denotativas» (1984: 539), uma classe que por si só não fica claramente definida – *então* enquadra-se nas «palavras denotativas de situação» (1984: 549). O estatuto gramatical (pelo menos) duplo dessa unidade confirma-se na gramática de Vilela, para quem *então* tanto é advérbio (1995: 194-198) como «partícula modal» (1995: 200). Tal definição é adotada de Schmidt-Radefeldt que já se dedica especificamente às «partículas discursivas» do português, «expressões que têm por função organizar ou orientar o discurso» (1993: 65). O autor distingue vários tipos de partículas, classificando *então* entre as «modais» que, como afirma, têm como função semântico-pragmática exprimir «a atitude mental do falante para com o conteúdo da sua enunciação, para com o ouvinte e para com as suas estratégias de falar e de agir» (1993: 66).<sup>6</sup> Na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus *et al.* já se dedica devida atenção a conexões que asseguram coesão interfrásica e de que resultam frases compostas, tanto como unidades textuais superiores.<sup>7</sup> É nesse contexto que se insere o papel de *então*, qualificado como «conector adverbial» especializado na expressão de valor de «sequência temporal» (2003: 95-98) e de «inferência» (2003: 103-105).

Dadas essas caracterizações tão heterogêneas, não estranha que a própria unidade *então* tenha motivado estudos especializados, com o objetivo de esclarecerem e descreverem mais sistematicamente os seus múltiplos valores e funções. O papel principal na investigação dos marcadores discursivos portugueses cabe a Macário Lopes, que se dedicou à identificação e caracterização de vários valores semânticos e pragmáticos que tais itens podem assumir em função dos contextos em que ocorrem.<sup>8</sup> A autora propõe uma classificação

---

<sup>5</sup> Veja-se Schmidt-Radefeldt (1993), a analisar «partículas discursivas» portuguesas e espanholas em comparação com os seus equivalentes no alemão.

<sup>6</sup> Schmidt-Radefeldt descarta nessa classificação outras funções que *então* pode assumir, dependendo do contexto em que ocorre, e que atribui a outros tipos de partículas – as interacionais, as topográficas textuais e as argumentativas. Macário Lopes (1997), por exemplo, dá muito relevo ao valor argumentativo de *então* que, por sua vez, se reporta às suas funções no plano textual/discursivo.

<sup>7</sup> Capítulo «Aspectos linguísticos da organização textual» (85-123), escrito por Inês Duarte.

<sup>8</sup> Além de *então*, A.C. Macário Lopes investigou as unidades *sempre, agora, logo, ainda, já, bem, antes e depois, enquanto*.

relevante de funções da unidade *então*, identificando-lhe três valores semântico-pragmáticos: o temporal, o argumentativo e o «valor de marcador de estruturação conversacional» (1997). Junto com os colaboradores – Morais (2000, 2004), Matos Amaral (2006) e outros – iniciou o projeto de investigação de «um conjunto de advérbios de tempo que adquirem, em determinados contextos discursivos, valores que, não pertencendo já à esfera semântica temporo-aspetual, contribuem para a construção de conexões discursivas de natureza diversa» (Morais 2004: 477). Na investigação do próprio processo de gramaticalização de *então* (e outras unidades semelhantes) é valioso o contributo dos linguistas brasileiros. Martelotta/Silva, adotando o paradigma proposto por Heine *et al.* (1991), afirmam que «os diferentes usos do elemento [*então*] analisado possuem uma origem espacial/temporal e se explicam por um processo de gramaticalização espaço>(tempo)>texto» (1996: 221), a partir do qual o elemento tende a desempenhar funções pragmático-discursivas.<sup>9</sup> A mesma escala de derivação de conectores é adotada pela maioria dos pesquisadores brasileiros reunidos em torno do Projeto de Gramática do Português Falado, entre os quais Tavares (1999) apresenta uma proposta bem plausível dos usos de *então* que derivam do processo de gramaticalização: «o *anafórico temporal* origina o *seqüenciador temporal*, resultando na transferência tempo>texto. O *seqüenciador temporal*, por sua vez, deixa derivar o *seqüenciador textual*, o *introdutor de efeito* e o *retomador*. Do *introdutor de efeito* se originam os empregos como *finalizador* e *alternativo*» (1999: 541; *itálico nosso*). Pezatti examina «se o advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção» (2001). Para apresentar a escala de etapas no processo de transição de advérbio a conjunção, escolhe os exemplos prototípicos – *por isso > então > portanto > logo* – concluindo o seguinte: «*Então*, embora não disponha ainda da capacidade de coordenar termos, caminha para gramaticalizar-se como conjunção; ressalte-se no entanto que, mesmo como operador discursivo, mantém ainda o valor temporal e anafórico de circunstancial» (2001: 94).<sup>10</sup>

Não obstante as funções que pode assumir, inclusive as de mero marcador de estruturação discursiva, todos os estudiosos concordam que *então* nunca perde por completo um valor anafórico, em que se originam todos os outros valores.<sup>11</sup> A maioria dos autores salienta que a função de *então* marcador discursivo não

<sup>9</sup> Quanto a valores que pode assumir, Martelotta/Silva distinguem o *então* anafórico, o sequencial, o conclusivo, o alternativo, o intensificador, o resumitivo e *então* introduzindo informações livres.

<sup>10</sup> Macário Lopes também salienta que o *então* marcador conversacional parece ser «uma réplica, ao nível estritamente pragmático-enunciativo, da função de continuidade semântica assegurada, ao nível textual/discursivo, pelo *então* temporal e argumentativo» (1997: 188). Na sua opinião, o primitivo advérbio temporal adquire efetivamente, no âmbito textual, um valor conjuncional, no sentido amplo do termo.

<sup>11</sup> Para Macário Lopes, equivale a um valor «de retoma», já que «implícita que algo foi dito previamente, funcionando como mecanismo de sinalização de continuidade discursiva. Mesmo quando desencadeia a interação, com uma função meramente iniciativa, pressupõe trocas verbais anteriores entre os interlocutores» (1997: 186).

é simplesmente articular entre partes do texto falado mas, principalmente, dar uma orientação argumentativa ao enunciado; tal orientação no caso de *então* tem uma qualidade marcadamente retroativa. *Então* define-se por uma constante ancoragem na instância preliminar do discurso, para daí depreender o rumo da sucessão dos eventos e argumentos dados mais à frente; essa orientação é vista como projeção, no domínio discursivo, da propriedade deíctica retrospectiva do correspondente item adverbial, evocado pelo marcador.<sup>12</sup>

#### 4. Metodologia

Neste trabalho propomo-nos, em dois *corpora* paralelos, descrever valores/ funções de *então* principalmente nos casos de uso não-adverbial e compará-los com seus equivalentes funcionais no italiano.

Para tal fim, analisámos o romance „Sei lá“ (2005)<sup>13</sup> de Margarida Rebelo Pinto, em contraste com a sua tradução italiana „Chi lo sa?“ (2008; tradutor Daniele Petruccioli). Visando uma abordagem sincrónica do uso de *então*, tanto como dos seus equivalentes no italiano, optámos por um texto contemporâneo, escrito, na maior parte, em forma dialogal, com tendência para reproduzir o discurso oral. A linguagem dos personagens é coloquial, repleta de léxico e expressões idiomáticas do calão português urbano, particularmente lisboeta.<sup>14</sup> Tendo em conta a natureza expressivamente oral de *então* marcador discursivo, foi de esperar que ocorresse com maior frequência na escrita que pretende imitar réplicas da conversação real. Por outro lado, julgámos que um tradutor que zelasse por reproduzir fielmente o «estilo conversacional» do original, manteria a maioria dos marcadores discursivos, esforçando-se por lhes encontrar equivalentes mais adequados.

O nosso objetivo é mostrar, por meio da análise dos dados quantitativos nos dois *corpora* análogos, em que medida *então* é gramaticalizado na língua portuguesa contemporânea, descrever tipos e frequência das suas funções discursivas, para podermos comparar esses dados com os do corpus italiano. Os estudos referidos no capítulo 3. argumentam que essa unidade, na língua portuguesa contemporânea, pertence à categoria gramatical tradicional de advérbio de tempo, mas além disso, pode assumir várias funções ao nível da estrutura textual e meta-textual, tanto como ao nível que implica a relação e atitude para com o conteúdo proposicional, o uso pragmático, a interação em geral. Embora o inventário de tais funções pareça muito variado, muitos autores reduzem-nas a duas classes principais: as textuais, que se referem à organização e estrutura do texto, e as interacionais, que apontam para a relação entre os interlocutores e para a sua relação com o próprio texto/discurso (Fernandez 1994:

---

<sup>12</sup> Veja-se Risso (1996).

<sup>13</sup> 1. edição 1999.

<sup>14</sup> Margarida Rebelo Pinto é considerada, pelas imprensa e crítica portuguesas, a pioneira do género da «literatura pop» em Portugal. Apesar de valor literário contestado, é a autora mais vendida em Portugal nos últimos anos, com obras traduzidas para inglês, alemão, italiano, francês, espanhol e outros idiomas.

33; Berretta 1994: 247; Hansen 1998a: 109; Pons Borderia 1998a: 59; Bazzanella 2001: 85). Essa divisão básica servir-nos-á como ponto de partida para a nossa classificação; é de notar que as ocorrências de *então* com valor adverbial serão apenas registadas, para nos concentrarmos na classificação e na análise mais pormenorizada de todas as ocorrências de *então* com função de vários tipos de marcadores discursivos.

## 5. Análise

Nos dicionários português-italiano *então* define-se como advérbio e, quase em todas as aceções, apresenta-se como equivalente o advérbio italiano *allora*. O significado básico de ambos os advérbios é temporal, anafórico: *nesse/naquele tempo/momento, nessa/naquela altura*. O Dicionário Português-Italiano da Porto Editora (edição eletrónica – Infopédia) refere duas aceções:

1. «*allora, a quel tempo, in quel momento*» – corroborada por 12 exemplos de construções sintagmáticas e frases com as suas traduções para italiano, sendo *então* em todas elas traduzido como *allora*;

2. «*allora, dunque*» – corroborada por 14 exemplos de construções sintagmáticas e frases com as suas traduções para italiano, sendo *então* em 11 exemplos traduzido como *allora*.

Deduz-se que *allora* italiano funciona como equivalente semântico<sup>15</sup> de *então* português em 88,5% dos exemplos indicados. Em que medida é que tal proporção corresponde ao uso efetivo de *allora* como equivalente de *então* português, propomo-nos verificar nos exemplos do nosso corpus. Por outras palavras, *allora* vai servir-nos como um certo ponto de referência para examinarmos o (des) equilíbrio entre as equivalências estabelecidas pelas definições lexicográficas (dicionários bilingues) e as «reais», isto é, funcionais.

O total de ocorrências de *então* identificadas no corpus português é 82. Os exemplos extraídos ilustram diferentes propriedades funcionais da unidade em questão.

Com respeito às funções que a unidade *então* exerce no texto/discurso, classificámos todas as ocorrências em três grupos:

- A) função de advérbio de tempo (9)
- B) funções textuais (24)
- C) funções interacionais (49)

Os resultados mostram que apenas 10,9% de ocorrências de *então* no nosso corpus tem função de advérbio de tempo, enquanto o resto cabe aos usos textual (29,2%) e discursivo (59,7%). A grande maioria – 89% de ocorrências – refere-se a uso não-adverbial; esse próprio facto indica um alto grau de gramaticalização

---

<sup>15</sup> Cientes da sua indefinição, para fins deste trabalho utilizaremos o termo «equivalente semântico» no sentido de equivalente mais comum referido nos dicionários bilingues.



e um papel prevalentemente discursivo dessa unidade, o que, por sua vez, justifica uma abordagem contrastiva. Por conseguinte, na discussão que se segue concentrar-nos-emos nas funções textuais e particularmente interacionais de *então*, limitando-nos a ilustrar o uso adverbial citando uns poucos exemplos do corpus.

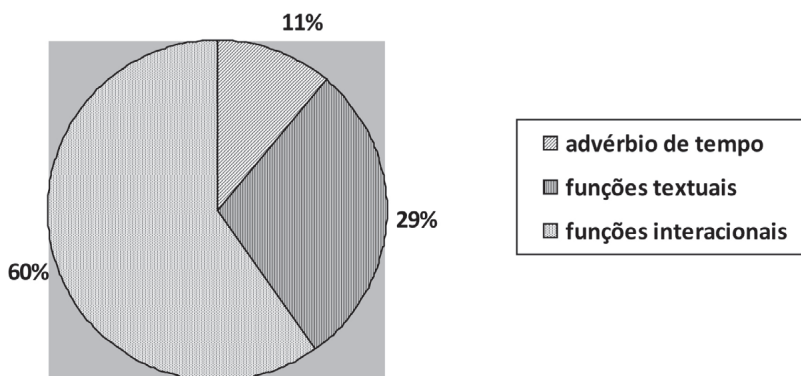


Gráfico 1: Distribuição das funções de *então* no corpus português escolhido

### 5.1. Função de advérbio de tempo

Identificámos no corpus apenas 9 ocorrências de *então* com valor temporal.<sup>16</sup>

(1) Explico-lhe que nem sequer sei quando é que tenho férias por causa da revista e que além disso as Caraíbas estão alguns zeros acima do pecúlio destinado ao lazer. *Então* apercebo-me que ainda nem sequer pensei nas férias porque não tenho com quem as passar. (p. 99)

(1') Le spiego che a causa della rivista non so nemmeno quando potrò andare in vacanza, e a parte questo i Caraibi superano di svariati zeri le finanze che posso destinare ai divertimenti. *Nel frattempo* mi rendo conto di non avere ancora pensato a dove andare in vacanza, semplicemente perché non so con chi andarci. (p. 96)

(2) O Pedro passou definitivamente a ser o meu Cyrano depois de me ter apaixonado pelo Guilherme, tornando-se num dos meus melhores amigos, sobretudo depois do Guilherme se ter distraído com uma bailarina

<sup>16</sup> Macário Lopes (1997) atribui ao *então* advérbio de tempo dois valores mais específicos: a sequencialidade (posterioridade) e a co-temporalidade ou sobreposição. Diz que, em ambos os casos, retoma anaforicamente um ponto de referência discursivamente construído; mais concretamente, retoma um antecedente temporal, expresso por uma data ou por uma forma verbal perfeita ou futura (nunca presente). Indica algumas das paráfrases possíveis: *nessa altura*, *nesse momento*, mas também *depois* ou *por causa disso* nos casos de valor sequencial.

do Conservatório, pálida e desengonçada, que lhe deu a volta em três tempos. Tínhamos *então* um namoro quase sério, com aprovação parental e tudo. (p. 161)

(2') Dopo essermi innamorata di lui [di Guilherme], Pedro si è dovuto rassegnare a fare la parte di Cyrano, diventando così uno dei miei migliori amici, specialmente quando Guilherme si è perso dietro una pallida e dinoccolata allieva dell'Accademia di danza, che se l'è portato a letto senza tanti complimenti. *All'epoca* eravamo fidanzati quasi ufficialmente, con approvazione genitoriale e tutto.<sup>17</sup> (p. 157)

Tabela 1. Equivalentes italianos das ocorrências de *então* com função de advérbio de tempo

1.	equivalente omitido	1
2.	equivalente semântico <i>allora</i>	0
3.	equivalentes funcionais diversos:	
	<i>nel frattempo</i>	2
	<i>solo a quel punto</i>	1
	<i>finalmente</i>	1
	<i>improvvisamente</i>	1
	<i>all'epoca</i>	1
	<i>allora</i> – em função de adjetivo, <i>di quel tempo, dell'epoca</i> <sup>18</sup>	1
	<i>fino ad allora</i> – locução adverbial <sup>19</sup>	1

A escolha dos equivalentes funcionais de *então* temporal parece, em alguns casos, bastante surpreendente, mas o pressuposto equivalente semântico *allora* nunca ocorre como um.

Alguns autores (p.e. Bazzanella *et al.* 2007) creem que *allora* com o tempo perdeu o valor de advérbio temporal, estendendo o seu espectro funcional, principalmente às funções de conector, ou seja, de marcador discursivo.<sup>20</sup> A sequência cronológica, uma sub-categoria da relação de coerência textual, é muitas vezes marcada por um advérbio de tempo que nesses casos, além da proposicional, tem igualmente função metatextual (estrutural); marca, portanto,

<sup>17</sup> Expressão *all'epoca* neste exemplo deve-se ao contexto que indica um passado remoto.

<sup>18</sup> Inclusive em função de adjetivo com significado de *daquele tempo, daquela época, allora*, sempre anteposto ao substantivo, apresenta-se como equivalente de *então* português. No exemplo do corpus: «... Convidaram-me para ir para a *então* União Soviética... || Mi hanno chiesto se volevo andare nell'*allora* Unione Sovietica...».

<sup>19</sup> O sintagma adverbial *até então* é traduzido pela locução equivalente *fino ad allora*: «Conheci a Martine tinha vinte e seis e *até então* só tinha tido relações com a Raquel.. || ... quando ho conosciuto Martine ne avevo ventisei e *fino ad allora* avevo avuto rapporti solo con Raquel...».

<sup>20</sup> Segundo Hansen (1997), isso refere-se igualmente a *alors* francês; no âmbito da sua investigação efetuada no corpus do francês falado, ela registou um único caso do uso de *alors* com função de advérbio de tempo.

segmentos do texto. Devido ao uso frequente nos limites desses segmentos do discurso, parece que *allora* italiano perdeu, em alguns contextos, o valor adverbial, para se tornar um marcador discursivo com função de conexão metatextual.<sup>21</sup> Julgamos que por essa razão no nosso não encontramos um único exemplo em que a função de advérbio de tempo fosse expressa pelo equivalente semântico *allora*. É igualmente por tal função temporal desvanecida, ou seja, pela função dominante textual-discursiva, que nos exemplos da tradução italiana não se evidencia o valor de posterioridade que *então* pode ter em português. A co-temporalidade, por sua vez, acentua-se por meio das locuções adverbiais *nel frattempo* (1), *(solo) a quel tempo*, e noutros casos introduz-se um sentido adicional de surpresa ou de interrupção de rotina usando advérbios como *improvvisamente* e *finalmente*.

## 5.2. Funções textuais

As funções textuais dos marcadores discursivos referem-se à organização do conteúdo do texto, operando como meio coesivo entre uma série de proposições ao nível textual. A sua função principal é interligar partes do texto, às vezes fragmentadas, num todo coerente. Referem-se, em geral, à distribuição de informações novas e dadas, à mudança de assunto, apontam para a relevância de uma certa parte do enunciado, podendo enfatizar ou atenuar, esclarecer ou defini-la. Num sentido lato, os marcadores discursivos com função textual pertencem ao próprio texto, apesar de não contribuírem para o seu sentido proposicional nem fazerem parte da estrutura sintática.

Em todos os 24 exemplos de função textual registados no nosso corpus *então* tem função de conector. Pranjković define conectores como «palavras ou sintagmas que interligam frases num texto», ou seja, «conexões ao nível do texto» (2004: 457-458). Os conectores são marcadores que ligam semântica e pragmaticamente um segmento do discurso com o precedente, ou então com algum pressuposto contextual facilmente acessível. Apontam para as relações lógicas entre os segmentos do discurso, tanto como para a coesão e coerência das partes do discurso, tornando-o desse modo mais inteligível. Com respeito ao critério semântico, em todos os exemplos do nosso corpus *então* tem função de conector que exprime o valor de consequência ou de conclusão/inferência.

Os conectores de consequência apresentam o segmento de discurso que introduzem como consequência do segmento precedente (exemplo 3). Conectores de conclusão, por sua vez, apresentam o segmento que introduzem como conclusão do precedente. Apresentamo-los juntos por serem muito parecidos; muitas vezes é praticamente impossível distinguir a relação conclusiva da consequencial (4 ou 5). Cada conclusão é uma espécie de consequência e vice-versa. Segundo Velčić: «No texto, uma conclusão apresenta-se necessariamente

---

<sup>21</sup> Bazzanella *et al.* (2007: 17) notaram que na edição francesa de Novellino (italiano antigo) *allora* não é traduzido nos casos em que ocorre como «metatextual», isto é, quando assinala uma sequência temporal ou marca certos segmentos do discurso.

como consequência, e uma consequência, fundamentada necessariamente na sequencialidade, pode representar uma potencial conclusão. Do ponto de vista lógico-semântico, são dois tipos de relação muito próximos» (Velčić 1987: 86).<sup>22</sup>

(3) O Francisco apaga a música e seguimos assim estrada fora, envolvidos no conforto do nosso silêncio tão cheio e tão doce...

Se isto não é amor, *então* o amor não vale nada. (p. 117)

(3') Francisco spegne la radio e continuiamo a guidare così, comodamente avvolti nel nostro silenzio, così pieno e così dolce...

Se questo non è amore, *allora* l'amore non vale niente. (p. 114)

(4) - Olha lá - diz o João com cara de gozo. - O Gonçalo é aquele puto que tu sacaste no T Clube?

- Exacto - responde a Mata Hari.

- *Então* temos esquema... (p. 53)

(4') «Aspetta un po'» dice o João con espressione divertita. «Gonçalo non è quel tipo che hai acchiappato al T-Clube?».

«Esatto» risponde Mata Hari.

«Ah, ma *allora* è tutto predisposto...». (p. 52)

(5) A certa altura o Francisco pousa-lhe a mão no ombro para lhe segredar ao ouvido uma idiotice qualquer e sem saber porquê sinto-me incomodada com aquilo. Devo estar parva! *Então* o gajo está-se a meter com a minha amiga, que por acaso até tem um caso presentemente com o amigo dele (ou se calhar por isso mesmo) e isso chateia-me? (p. 56)

(5') A un certo punto Francisco le posa una mano sulla spalla per sussurrarle l'ennesima stronzata, e chissà perche la cosa mi dà un certo fastidio. Ma sarò deficiente! Cosa me ne frega se quello si mette a provarci con la mia amica, che guarda caso al momento ha una tresca con l'amico suo (ma forse lo fa proprio per questo)?! (p. 55)

(6) - [...] Como vêes, nunca nenhum me deu nada além de umas noites de prazer. E provavelmente alguns deles nem me deram nada porque provavelmente

---

<sup>22</sup> É muito comum os estudiosos, inclusivamente portugueses, não distinguirem esses dois sub-tipos de conectores. Por exemplo, Tavares une-os sob a capa de *introdutores de efeito* que «introduzem informações que representam consequência, conclusão ou resultado em relação ao que foi dito anteriormente (valor de *por isso*, *portanto*) – relação de implicação entre eventos ou argumentos». Ela considera a introdução de efeito como «pertinente à função sequenciadora, estando a ideia de seqüência imbuída na relação de precedência da causa sobre a consequência» (1999: 538). Uns outros autores até integram esse tipo de conectores entre os *marcadores sequenciais* (p.e. Marcuschi, Risso, Silva, Urbano in Jubran/Koch 2006). Martelotta/Silva, por sua vez, distinguem o *então conclusivo* do *então seqüencial*, mas dizem que «o valor conclusivo do elemento *então* é uma variante do *então* seqüencial, que provém do uso anafórico» (1996). Macário Lopes (1997) classifica esse tipo de função textual como *então operador argumentativo*.

não lhes dei tempo para entrarem na minha vida, mas isso não quer dizer que não tenha gostado deles.

- *Então* debes ter um coração enorme tipo Boeing 747 onde cabem muitos passageiros, uns em primeira e outros em turística... (p. 100)

(6') «[...] Come vedi, da nessuno ho ottenuto nulla se non qualche notte di piacere. Ammesso pure che alcuni di loro non mi abbiano lasciato niente solo perché sono stata io a non dargli il tempo di entrare nella mia vita, questo non significa che non mi siano piaciuti.»

«*E si vede che* hai un cuore immenso stile Boeing 747, con un sacco di posto per tanti passeggeri, alcuni in business, altri in classe turística...» (p. 97)

(7) Conto-lhe em seis parágrafos o jantar nos suecos, a declaração de amor, a viagem para Évora, os passeios e os petiscos e minha escapadela da hora de almoço.

- Muito bem, até que enfim que voltaste ao teu estado normal. *Então* quer dizer que estamos de caso...

- De caso não, estamos de namoro – afirmo orgulhosa. (p. 127)

(7') Le racconto in sei paragrafi il ristorante svedese, la dichiarazione d'amore, il viaggio a Évora, le passeggiate, i banchetti e anche la mia ultima scappatella in pausa pranzo.

«Finalmente, adesso sì che ti riconosco. *Quindi* siamo in piena tresca...».

«Macché tresca, questo e un fidanzamento vero e proprio» dichiaro orgogliosa. (p. 123)

(8) Arranco-lhe o papel da mão e guardo-o dentro do nécessaire.

- Não tens nada a ver com isso.

- Não? *Então* tu andas a receber cartas de amor do teu antigo namorado e achas que eu não tenho nada a ver com isso? (p. 142)

(8') Gli strappo il foglio di mano e lo infilo dentro la trousse.

«Non ti riguarda».

«Ah no? *Cioè*, tu ricevi lettere d'amore del tuo ragazzo di prima, e dici che la cosa non mi riguarda? [...]» (p. 138)

(9) - Está bem. Agora imagina que o Ricardo em vez de se ir embora daí a meia hora ficava a dormir uma noite em Lisboa e te convidava para jantar. Ia-te ou não apetecer ir para a cama com ele?

- Claro que ia.

- *Então* estás-me a dar razão. (p. 151)

(10') «Va bene. Immagina però se Ricardo, invece di doversene andare di lì a mezzora, fosse rimasto la sera a Lisbona e ti avesse invitata a cena. Non avresti avuto voglia di andare a letto con lui?».

«Certo che ne avrei avuto voglia».

«*Lo vedi che* ho ragione? [...]» (p. 147)

(11) As pessoas só muito raramente são aquilo que parecem, sempre o soube, mas *então* porque é que continuo a esperar o melhor delas e a nunca estar preparada para o pior? (204)

(11') Le persone non sono quasi mai come uno se le aspetta, l'ho sempre saputo, e *allora* perché continuo ad aspettarmi da loro il meglio e a non essere mai preparata al peggio? (p. 196)

(12) - Ele vai ficar lá em casa mas eu não, percebes? Eu vou para casa do Guilherme.

- Muito bem. *Então* isso entre ti e o Guilherme é a sério... (p. 209)

(12') «Ricardo starà a casa mia, ma senza di me, capisci? Io vado da Guilherme?».

«Ah, va bene. *E così* questa storia tra te e Guilherme è una cosa seria?». (p. 201)

Tabela 2. Equivalentes italianos das ocorrências de *então* com função de conector de consequência ou de conclusão

1.	equivalente omitido	4
2.	equivalente semântico	
	<i>allora</i>	5
	<i>ma allora</i>	2
	<i>e allora</i>	3
3.	equivalentes funcionais diversos	
	<i>cioè</i>	3
	<i>quindi</i>	2
	<i>così</i>	1
	<i>e si vede che</i>	1
	<i>e così</i>	1
	<i>adesso</i>	1
	<i>lo vedi che</i>	1

Nos casos de *então* com função de conector, o equivalente semântico *allora* ocorre em 10 dos 24 exemplos do corpus italiano, apresentando-se como equivalente funcional mais adequado. A variedade de outros equivalentes funcionais usados pode atribuir-se a preferências do tradutor, dependentes dos contextos particulares. Talvez o mais «certo» seja *quindi* (7), conector italiano com um valor conclusivo prototípico, mas outras expressões parecem adequar-se igualmente aos contextos em que ocorrem. Um caso que comprova a pertinência da abordagem contrastiva na investigação do funcionamento dos marcadores discursivos é a escolha das expressões *e si vede che* e *lo vedi che* como equivalentes de *então* nos exemplos (6) e (10) que, apesar de podermos considerá-las traduções livres, corrobora de melhor maneira o valor conclusivo do conector português.

### 5.3. Funções interacionais

A função interacional refere-se aos usos «externos» da língua que compreendem o uso dos marcadores discursivos com vários fins: desde expressões de cortesia, passando por vários fatismos, até sinais de expressão da

atitude do falante em relação ao conteúdo do enunciado. Expressam as relações entre os interlocutores, assim como as suas relações para com os enunciados, intensificam e justificam os contactos do falante com outros participantes na conversação, mas podem também abrandar a comunicação, chamar a atenção para estabelecer ou reter o contacto entre os interlocutores, ou então servir de estímulo ou apelo para um interlocutor se integrar diretamente na conversa etc.

No nosso corpus, as funções interacionais de *então* são representadas por maior número de ocorrências: 49. As funções mais frequentes identificadas são as de iniciador, de finalizador, de exortativo e de intensificador.

#### a) Iniciadores

Incluimos neste grupo todos os marcadores discursivos que assinalam o início: introdutores da intervenção (ing. *utterance launchers*), sinais de tomada e retomada de palavra (ing. *turn-taking devices*), vários sinais de interação e de contacto, comentários etc. Como um iniciador por excelência, *então* aparece 16 vezes no texto, muitas vezes nos casos do uso cumulativo com a conjunção *e*, como em (13) e (16). O que todos esses exemplos têm em comum é a distribuição em posição inicial e a sinalização de algum tipo de início: o início absoluto da interação, como no exemplo (15), o início da intervenção/réplica (16 e 17), o início de um assunto novo (13) ou retomado (14).<sup>23</sup>

(13) A meio do bacalhau espiritual regado a bom tinto alentejano lá vem a pergunta fatal:

- E *então* filha, nunca mais tiveste notícias do Ricardo? (p. 48)

(13') A metà di un baccalà divino innaffiato con un buon rosso dell'Alentejo arriva la fatidica domanda:

- E *allora*, figlia mia, hai più avuto notizie di Ricardo? (p. 47)

(14) - Podemos *então* voltar à conversa que ficou a meio, ou vou levar outra vez uma arranhadela?

- Qual conversa – respondo evasivamente.

- Ao assunto de quem te pôs tão em baixo. (p. 66)

(14') «*Allora*, possiamo riprendere il discorso interrotto o mi becco un'altra zampata?».

«Quale discorso?» rispondo evasiva.

«Quello su cosa ti fa essere tanto depressa». (p. 64)

---

<sup>23</sup> Já Schmidt-Radefeldt diz que «enquanto sinais organizacionais, as partículas são usadas para ordenar e «comandar» a evolução duma oração e podem ser divididas em sinais iniciais e sinais finais», classificando *então* entre os sinais iniciais (1994: 200). Cabe neste conjunto de iniciadores o que Martelotta/Silva (1996) chamam *então introduzindo informações livres*; segundo estes autores, esse tipo de *então* funciona como uma espécie de sequencializador universal, que abre caminho para que informações novas sejam acrescentadas, sem que haja uma relação necessária (temporal ou lógica) com a cláusula anterior.

(15) Interrompo a conversa e desligo porque o Paulo acabou de entrar no gabinete com pézinhos de lã.

- *Então* a entrevista, correu bem? (p. 81)

(15') Pongo fine alla conversazione e riattacco, perché Paulo è appena entrato di soppiatto nel mio ufficio.

«*È allora*, com'è andata l'intervista?» (p. 79)

(16) Está visivelmente excitada com a ideia, embora tente disfarçar como pode.

- *E então* o que é que me queres? Estás com cara de quem me vai pedir alguma coisa. (p. 83)

(16') Evidentemente l'idea l'eccita, anche se cerca di non darlo a vedere.

- *E da me cosa vuoi?* Hai l'aria di chi sta per chiedere qualcosa. (p. 80)

(17) - Um blind date? Estás louca?

- Não, estou é desocupada e quero-me distrair com uma coisa diferente.

- *Então* e a Gonçaleta? A Gonçaleta foi para o maneta! (p. 81)

(17') «Un 'blind date'? Ma sei matta?».

«No, semplicemente mi annoio e voglio distrarmi con qualcosa di nuovo?»

«Ma *allora* Gonçalo?» (p. 78)

Tabela 3. Equivalentes italianos das ocorrências de *então* com função de iniciador

1.	equivalente omitido	0
2.	equivalente semântico	
	<i>allora</i>	5
	<i>ma allora</i>	1
	<i>e allora</i>	6
3.	equivalentes funcionais diversos	
	<i>be'</i>	1
	<i>e</i>	2

Na análise das equivalências de *então* com função iniciadora, *allora* apresenta-se outra vez como equivalente funcional mais adequado, sendo um iniciador universal prototípico no italiano. *E* e *ma*, que neste contexto não são meras conjunções, correspondem perfeitamente aos usos/funções de *e* (*e então*) e *mas* (*mas então*) no português: *e* assinala uma espécie de continuidade discursiva, enquanto *mas/ma*, por sua vez, acrescenta ao próprio iniciador uma ideia de contraste.

#### b) Finalizadores

Incluimos neste grupo os marcadores discursivos que anunciam o final de um tópico, indicam um fim iminente do enunciado ou do processo interacional em geral, tal como marcadores de interrupção, marcadores de fechamento do tópico, ou os de fechamento da digressão.<sup>24</sup> No nosso corpus, registámos apenas

<sup>24</sup> Segundo Tavares, os sequencializadores finalizadores «introduzem uma oração que marca o final de um tópico ou subtópico, podendo manifestar ideia de conclusão (como um introdutor de efeito)» (1999: 538-539).



4 ocorrências de *então* finalizador e essas correspondem à função de fechamento do tópico, como nos exemplos (18) e (19).

(18) E se fôssemos ao Casanostra, sugere.

- A mim apetecia-me mais o Japonês. É que estive o dia todo agarrada ao computador e estou com os olhos em bico. [...] *Então* vamos lá. O primeiro a chegar, senta-se. (p. 32)

(18') «Perché non andiamo al Casanostra? Ho voglia di mangiare italiano e di vedere un po' di fauna artisticoide» suggerisce lui.

«Preferirei un giapponese» ribatto. «A forza di stare tutto il giorno attaccata al computer mi sono venuti gli occhi a mandarlo». [...]

«*Allora* va bene. Il primo che arriva prende un tavolo». (p. 31)

(19) - [...] Queres ir ao Frágil?

Não sou grande fã da meca mundana de Lisboa, mas além dos Três Pastorinhas não me sinto bem em mais nenhum bar [...].

- *Então* prefiro o Bartis, pode ser? (p. 65)

(19') «[...] Ti va di andare al Frágil?»

Non sono una grande fan della mecca mondana di Lisbona, ma a parte il Três Pastorinhos, [...] non mi sento a mio agio in nessuna altro posto [...].

«Preferirei il Bartis, ti va?» (p. 63)

Tabela 4. Equivalentes italianos das ocorrências de *então* com função de finalizador

1.	equivalente omitido	2
2.	equivalente semântico	
	<i>allora</i>	2

Apesar de *allora* ocorrer como equivalente escolhido em 2 dos 4 exemplos, neste caso não dispomos de material suficiente para estabelecer algumas regularidades – ou pelo menos tendências – quanto a equivalência funcional de *então* finalizador no italiano.

#### c) Exortativos

São marcadores discursivos que o falante usa para exortar e estimular o interlocutor a alguma ação. Nessa função o marcador discursivo *então* ocorre 5 vezes no corpus português: 2 vezes na posição inicial e 3 vezes na medial (como no exemplo 21). Nos casos em que aparece no início do enunciado podemos interpretá-lo inclusive como um marcador de abertura que, além da função de exortação e de início do discurso, pode incluir outros componentes adicionais de significado, como «conselho e sugestão» (22), «ordem, exigência ou desejo» (20) ou então «oferta e promessa» (21).

É importante notar que *então* com função exortativa nunca aparece isolado, mas vem sempre como parte integrante de alguma «construção exortativa» (p.e. *vamos lá então* do exemplo 21), acompanhado de outros elementos linguísticos

que podem igualmente ter função de marcador ou, no português ainda mais comum, de formas verbais imperativas (outros exemplos do corpus: *então diga lá, então anda* etc.)

(20) - O Francisco e eu estávamos ali a tentar adivinhar os vossos nomes, e eu resolvi perguntar. [...]

- Chame lá o seu amigo, que ele é giro - diz a Luísa.

[...] O nosso mensageiro [...] acena com a mão e o Francisco obedece, qual cãozinho amestrado.

- *Então diga lá* como é que eu me chamo - desafia a Luísa. (p. 21)

(20') «Io e Francisco stavamo cercando di indovinare come vi chiamate, e alla fine ho deciso di venire a chiederlo». [...]

«Fa' venire il tuo amico, che mi pare un fico» dice Luísa.

Il nostro avanguardista [...] gli fa segno di venire e Francisco obbedisce da bravo cagnolino ammaestrato.

«*Be', allora, dimmi un po' come mi chiamo*» lo provoca Luisa. (p. 20)

(21) A Luísa despede-se carinhosamente e ordena ao Francisco que me leve a jantar fora mesmo que eu não queira, para ver se me distraio um bocado.

- Vamos lá *então* aos tais suecos para ver se curas as mágoas com a mousse - diz o Francisco com um ar adorável. (p. 108)

(21') Luísa mi saluta teneramente e ordina a Francisco di portarmi a cena fuori anche contro la mia volontà per farmi distrarre un po'.

«*E allora dai, andiamo da questi svedesi e vediamo se la loro mousse riesce a curarti un po' gli affanni*» dice Francisco in modo adorabile. (p. 105)

(22) - E não estou... a propósito que horas são?

-É quase meia-noite.

-*Então anda. Vamos dormir.* (p. 235)

(22') «Infatti è così... A proposito, che ore sono?»

«*Quasi mezzanotte.*»

«*Forza allora, andiamo a dormire.*» (p. 225)

Tabela 5. Equivalentes italianos das ocorrências de *então* com função exortativa:

1.	equivalente omitido	1
2.	equivalente semântico	
	<i>allora</i>	1
	<i>be' allora</i>	1
	<i>e allora dai</i>	1
	<i>forza allora</i>	1

Como se verifica nos exemplos, embora poucos, as construções exortativas que integram o marcador discursivo *então* não têm equivalentes formais e funcionais universais no italiano. Mas por outro lado, as propriedades funcionais

do equivalente semântico *allora* correspondem no uso exortativo ao que foi dito anteriormente em relação a *então*. Isto é, *allora* por si só não é suficiente para exprimir a função de exortação; nos casos em que é utilizado, vem acompanhado de outros marcadores que lhe dão o valor exortativo. Nesses contextos utilizam-se marcadores como: *dai, forza*, ou *be' i e* com função preenchedora/iniciadora, ou então equivalente qualquer é omitido.

O único exemplo em que *allora* nesse uso ocorre não acompanhado de outros marcadores (*Allora, lo vogliamo chiudere questo maledetto fascicolo?*) vem separado pela vírgula do resto do enunciado e seguido pela ordem marcada dos constituintes frásicos (a deslocação à esquerda), que põe em relevo a natureza exortativa do enunciado.

#### d) Intensificadores

Este subconjunto de marcadores discursivos tem função de dar realce a uma parte do enunciado ou a todo o enunciado, intensificando efetivamente a força argumentativa. *Então* com função de intensificador ocorre no nosso corpus 9 vezes, em contextos diversos. Pode exprimir surpresa (23), preceder uma pergunta (24), pode exprimir ironia (26) ou às vezes impaciência (28). É bem expressiva a construção *mas então* (25 e 27), com valor específico contrastivo ou de discordância (às vezes até de surpresa desagradável ou protesto). Cabe sublinhar a força expressiva de *então* intensificador no exemplo 29 (omitido na tradução italiana), onde ocorre com função de reforço textual da proeminência informativa de um constituinte da frase.

(23) Achei que não havia resposta possível. Afinal, ela de certo modo estava certa. Mas a Mariana não concordava.

- Ó Teresa, por amor de Deus, *então* tu achas mesmo isso? Pareces um homem a falar. (p. 16)

(23') A questo non so proprio cosa rispondere. Tutto sommato, il suo ragionamento ha un senso. Ma Marina non è d'accordo.

«Dai, Teresa, per amor di Dio, *davvero* la pensi così? Mi sembra di sentire un uomo». (p. 15)

(24) -Pois, mas com o basco também não te safaste, pois não? Se calhar és tu que és muito esquisita?

- *Então* e tu, minha solitária? (p. 59)

(24') «Lo so, ma anche col basco non ti è andata di lusso, o sbaglio? Magari sei un po' troppo esigente...».

«E tu *allora*, cara la mia solitaria?» (p. 57)

(25) - Não tens carro?

- Não, o meu pai não me oferece nenhum desde os doze anos, - responde com um sorriso irresistivelmente cómico. Deixamos a Mariana em casa e pergunto-lhe onde é que quer que eu o deixe.

- Mas *então* não vamos ao Dock's? (p. 63)

(25') «Non ce l'hai la macchina?»

«No, papà non me ne ha più comprate dopo gli undici anni» risponde con un sorriso irresistibilmente comico. Lasciamo Mariana a casa sua e gli chiedo dove vuole essere lasciato.

«Ma *come*, non andiamo al Dock's?» (p. 62)

(26) - Não percebo porque é que te telefonou. Não é nada o género dele.

- Se calhar tem saudades e decidiu ser civilizado pelo monos no dia dos teus anos.

-Se tivesse saudades minhas tinha-me ligado directamente.

- Está bem. *Então* achas que se calhar tinha saudades minhas? – pergunta em tom irónico. (p. 77)

(26') «Non capisco perché abbia telefonato. Non è per niente nel suo stile».

«Forse gli manchi e ha deciso di fare la persona civile almeno il giorno del tuo compleanno».

«Se gli mancavo, poteva chiamarmi direttamente».

«Ma dai. *Scusa*, mica penserai che gli mancavo io?» mi chiede con fare ironico. (p. 75)

(27) - E o Gonçalo era boa cama?

- O Gonçalo usa boxers tamanho small. Respondi à tua pergunta?

-Mas *então* se querias mandar uma trancada e topaste com toda essa tua sabedoria de Mata-Hari que o Francisco devia ser boa cama e o Gonçalo nem tanto porque é que escolheste o Gonçalo? (p. 105)

(27') «E Gonçalo, ci sapeva fare?».

«Gonçalo usa boxer taglia small. Devo aggiungere altro?».

«Ma *allora* scusa, se voleva farti una scopata e il tuo istinto da Mata Hari ti ha suggerito che Francisco doveva essere bravo a letto mentre Gonçalo no, perché sei andata con Gonçalo?» (p. 102)

(28) O Guilherme mostra a sua habilidade diplomática deitando alguma água na fervura argumentando que ela nem é assim tão boa como vocês dizem, mas o João remata: *Então* se aquilo não é uma gaja boa, diz-me lá o que é que é. (p. 208)

(28') Guilherme fa mostra della sua abilità diplomatica e getta acqua sul fuoco argomentando che non è poi tutta questa bellezza come sostengono loro, ma João o ribatte:

«*Senti*, se quella non è una strafica, trovamene una tu». (p. 199)

(29) Revejo mentalmente todos os objectos que perdi e invade-me uma angústia horrível. Só em pinturas são mais de vinte contos. O filofax também não foi barato, mas o que tinha lá dentro, *então* isso não tem valor. É uma perda incalculável. (p. 107)

(29') Ripasso mentalmente tutte le cose che ho perduto e vengo presa da un'angoscia tremenda. Solo di trucchi c'erano più di ventimila escudos. Anche

la filofax non è che me l'avessero regalata, ma quello che c'era dentro non aveva prezzo. È una perdita incalcolabile. (p. 104)

Tabela 6. Equivalentes italianos das ocorrências de *então* com função de intensificador

1.	equivalente omitido	2
2.	equivalente semântico	
	<i>allora</i>	1
	<i>ma allora</i>	1
3.	equivalentes funcionais diversos	
	<i>davvero</i>	1
	<i>ma come</i>	2
	<i>scusa</i>	1
	<i>senti</i>	1

Os resultados da análise do corpus italiano mostram uma variedade de equivalentes funcionais escolhidos pelo tradutor. Em todo o caso, *ma* como marcador discursivo representa um equivalente formal e funcional de *mas* português (*ma allora, ma come*); tem na maioria das ocorrências função iniciadora e transmite frequentemente componentes adicionais do significado, como impaciência, protesto ou discordância, o que corresponde ao matiz adversativo do significado de *mas* português, particularmente quando coocorre com *então*.

Além disso, os resultados da análise comprovam que *allora* não é um intensificador típico no italiano; na maior parte dos exemplos do corpus aparecem como equivalentes outros marcadores discursivos com semelhantes valores significativos ou expressivos: de surpresa, de incredulidade, de ironia etc.

d1) Alternativo (função de reforço da expressão de uma conjunção alternativa – ou *então*)

O marcador discursivo *então* ocorre 15 vezes no nosso corpus nesta colocação, em função de «mero reforço da expressão de uma conjunção disjuntiva» (Macário Lopes 1997: 186). Nesse uso, *então* intensifica a articulação disjuntiva das orações que exprimem duas opções, excluindo em princípio uma delas; portanto, exprime um sentido alternativo. Martelotta/Silva (1996) e Tavares (1999) consideram a possibilidade de este uso ser decorrente do *então* conclusivo num processo de gramaticalização. «Ocorre que o *então* conclusivo se manifesta, nesse contexto, como uma alternativa, ou seja, se não pode ser alguma coisa [...], conseqüentemente será outra [...]» (Martelotta/Silva 1996). Tavares, por sua vez, argumenta a possibilidade de o *então* alternativo ser um tipo de «introdutor de efeito»: «*Então* alternativo introduz, juntamente com a conjunção *ou*, uma informação que representa uma opção, uma outra possibilidade em relação a uma informação dada anteriormente (*A ou então B*). [...] Rizzo (1996:430) considera a estrutura em que aparece o *então* alternativo como síntese final de uma estrutura que, em sua forma plena, traria explícita a mesma relação estabelecida pelo *então* conclusivo, algo como 'ou x, ou se não x, então y' (isto é, 'se p, então q')» (1999: 538).

Em relação às suas funções discursivas, é de notar que *então* nesta colocação pode até ter valor atenuante,<sup>25</sup> acrescentando ao enunciado uma ideia de insegurança ou dúvida (30).

(30) Das duas uma: ou era só charme para ver se eu recusava e nesse caso teve sorte, ou *então* queria conversa. (p. 30)

(30') Delle due l'una: o faceva il galante sperando che rifiutassi, e in questo caso gli è andata bene, oppure cercava compagnia. (p. 29)

(31) - Porque gosto de saber sempre um bocadinho mais sobre as pessoas, se calhar falhei a vocação. Devia ser detective.

- Ou *então* porteira. (p. 71)

(31') - Sarà che ho sbagliato mestiere, dovevo fare la detective.

- O la portiera. (p. 68)

(32) Extraordinária, esta mulher. Possui o dom da adivinhação, ou *então* a idade deu-lhe a sabedoria de muitos anos de treinada intuição. (p. 164)

(32') È straordinaria, questa donna. Possiede il dono della divinazione, o *forse* con l'età ha acquistato una saggezza dovuta a un intuito allenato per anni. (p. 160)

(33) - Leva-me a casa, ou *então* chamo um táxi. Quero ficar sozinha para arrumar a cabeça e não ter que conversar com ninguém. (p. 203)

(33') O mi accompagni a casa o chiamo un taxi. Voglio star sola e raccogliere le idee, non mi va di parlare. (p. 194)

Tabela 6.1. Equivalentes italianos das ocorrências de *então* com função de reforço da expressão de uma conjunção alternativa – *ou então*

1.	equivalente omitido	12
2.	equivalente semântico	
	<i>allora</i>	0
3.	equivalentes funcionais diversos	
	<i>forse</i>	3

Os resultados da análise das equivalências de *então* alternativo no corpus italiano não comprovam a existência de um equivalente formal ou funcional no italiano – em 12 dos 15 exemplos o equivalente fica omitido, ou seja, aparece apenas a conjunção *ou* ou *oppure*. Enquanto estas unidades linguísticas são verificadas como conjunções alternativas pelas gramáticas do italiano, nenhuma

<sup>25</sup> Às vezes o falante considera oportuno moderar o discurso devido ao respeito pelo interlocutor, ou à própria insegurança relativamente a correção ou veracidade do enunciado. Por isso o falante, usando «atenuadores» (ing. *mitigating device*), procura fazer as suas afirmações menos categóricas. Atenuações relacionam-se muitas vezes com o efeito de cortesia.

das gramáticas portuguesas refere a expressão *ou então* na qualidade de conjunção alternativa; refere-se como tal a unidade *ou* exclusivamente,<sup>26</sup> o que deixa muito claro o estatuto de *então* que nesse sintagma tem papel de marcador discursivo. Considerando as opiniões de Martelotta/Silva e Tavares acima referidas, a favor de *então* alternativo como um tipo de conector de conclusão, não deixámos escapar a possibilidade de a construção correlativa italiana *o.../oppure* (30 e 33) funcionar como um equivalente funcional plausível da expressão *ou então*; em todo o caso, isso não nos fez desistir da nossa conclusão primária porque tal construção – ao contrário de *ou então* – tem o seu equivalente formal e funcional no português: *ou...ou*, para além de outras «expressões disjuntivas correlativas».

A diferença entre as conjunções italianas *o* e *oppure* é, em princípio, de índole formal. *Oppure* resultou da união de dois elementos – *o* e *pure* – com reduplicação de consoantes. Por conseguinte, *oppure* é uma conjunção alternativa composta, usada com mais frequência no discurso formal ou nos textos escritos.<sup>27</sup> Contudo, sendo formalmente mais complexa, parece mais exposta a certas restrições sintáticas e estilísticas. Por exemplo, enquanto a conjunção *o* pode ser usada como primeiro, tanto como segundo elemento das conjunções correlativas coordenativas (33), para *oppure* fica reservado o segundo lugar (30).<sup>28</sup> Para além disso, poderíamos considerar a conjunção composta *oppure* uma forma reforçada em relação à conjunção *o* (até pela maior «consistência» fónica), por acentuar a disjunção, fazendo-a mais evidente; isto é, a alternativa parece mais radical quando a conjunção composta é usada. É possível que seja esta a razão por *oppure* em 9 dos 15 exemplos do nosso corpus ocorrer como equivalente do *então* alternativo, enquanto *o* aparece em 6 exemplos; em 3 desses 6 exemplos a conjunção simples ocorre acompanhada do advérbio *forse*. Poderíamos por conseguinte concluir que – não obstante da inexistência de um equivalente adequado de *ou então* no italiano – o uso de *oppure* se aproxima certamente à sua função de intensificador.

Por outro lado, o advérbio *forse*, que coocorre com a conjunção alternativa *o* em 3 dos 15 exemplos (32), tem em tais contextos função de assinalar uma certa insegurança/dúvida ou distanciamento. Essa componente adicional do significado indica função de atenuação da afirmação introduzida pela conjunção alternativa. Por consequência, *forse*, em uso cumulativo com *o*, poderia representar um equivalente funcional adequado do *então* alternativo português.

<sup>26</sup> Mateus *et al.*: «A conjunção de coordenação disjuntiva por excelência é *ou*. São expressões disjuntivas correlativas: *ou...ou, nem...nem, ora...ora, quer...quer*» (2003: 566). Cunha/Cintra apresentam as conjunções alternativas: «São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora, quer, seja, nem, etc.*» (1984: 576).

<sup>27</sup> As conjunções coordenativas disjuntivas *oppure* (*o + pure*) e *ovvero* (*o + vero*) «tornano utili o sono addirittura indispensabili in periodi complessi, propri del linguaggio scritto, per contrassegnare i termini principali di una coordinazione disgiuntiva rispetto ai termini accessori, distinti da *o*» (Serianni 1997: 376).

<sup>28</sup> P. ex., «*deciditi, vieni domani o dopodomani*», «*vieni domani oppure dopodomani*», «*vieni o domani o dopodomani*», mas não «*deciditi, vieni \*oppure domani o dopodomani*».

## 6. Conclusão

É muito difícil contar com uma relação uniforme e incontestável entre uma unidade formal e as suas propriedades funcionais em duas realidades linguísticas diferentes. As unidades que diferem na forma podem representar equivalentes funcionais e vice-versa – as unidades funcionalmente correspondentes podem diferir consideravelmente no seu aspeto formal. Posto que *então* no português contemporâneo perdeu em grande parte o seu valor gramatical de advérbio de tempo, é difícil confirmar uma equivalência semântica com o advérbio *allora* no italiano, sugerida pela maioria das fontes lexicográficas. Como já referimos, no dicionário bilingue que nos serviu de ponto de referência para fins deste estudo *allora* italiano apresenta-se como equivalente semântico de *então* em 88,5% dos casos. A nossa análise, por sua vez, não corrobora esses dados – *allora* ocorre como equivalente funcional apenas em 30 dos 82 exemplos, ou seja em 36,5% das ocorrências de *então* no corpus analisado. Até essa proporção deve ser tomada com uma certa reserva, por *allora* isolado se mostrar suficiente apenas em 14 casos (17%!), enquanto em 16 casos ocorre em uso cumulativo com outros marcadores discursivos (*e allora, ma allora, be' allora* etc). As funções discursivas em que se comprovou o maior grau de equivalência são as de conector de consequência ou de conclusão (*allora* ocorre em 10 de 24 exemplos) e de iniciador (12 de 16 exemplos); nos contextos exortativos apresenta também um alto grau de equivalência funcional (4 de 5 exemplos), embora em construções formalmente diferentes. Por outra parte, no caso da função de advérbio de tempo não identificámos um único exemplo de equivalência com *allora* no corpus;<sup>29</sup> acontece o mesmo com o *então* intensificador alternativo (*ou então*). No total de exemplos de uso intensificador identificados no corpus, várias outras expressões (apresentadas na tabela 6) predominam como equivalentes funcionais nos dados contextos. Por último, em 22 (26,8%) do total dos exemplos qualquer equivalente funcional é omitido.

Tudo acima referido são argumentos a favor do uso discursivo cada vez mais generalizado de *então* português. O seu conteúdo semântico tem desvanecido e emprega-se com maior frequência na função exclusiva de marcador discursivo; é por isso que nas traduções não são raros os casos da sua omissão, não prejudicando crucialmente a transferência do conteúdo semântico do enunciado. À luz dessas noções, no caso de *então* valeria a pena reconsiderar as definições lexicográficas, no sentido de inclusão de várias funções discursivas possíveis, acompanhadas de equivalentes funcionais correspondentes noutras línguas.

Os resultados da análise contrastiva corroboram a tese de uma equivalência ser alcançável exclusivamente no plano funcional; isso significa que um tradutor precisa de aspirar a conseguir uma correspondência pragmática. Todos os equivalentes identificados por meio de um tal tipo de análise realizada em dois corpora paralelos podem ser muito úteis para a identificação e definição de funções/valores que um certo marcador discursivo tem na língua de partida. Nesse sentido, podemos sublinhar um exemplo interessante do corpus (já referido em

<sup>29</sup> Salvo uma ocorrência em função de adjetivo e uma como parte da locução adverbial.



26), em que o tradutor, reconhecendo o tom irônico do próprio *então* (e não só do conteúdo proposicional) fez um esforço por acentuá-lo na tradução, empregando uma série de marcadores discursivos: a sequência introdutória *ma dai*, com função de discordância em relação ao enunciado precedente, um sinal de abertura *scusa*, indicando igualmente que o que se segue vai destoar da réplica precedente do interlocutor, mas atenuando ao mesmo tempo a proposição que introduz, e finalmente, o *mica*, característico do discurso informal, que intensifica o aspeto negativo da pergunta. Consideramos esta sequência dos marcadores discursivos no italiano um equivalente funcional contextualmente adequado do original português:

- Não percebo porque é que te telefonou. Não é nada o género dele.  
- Se calhar tem saudades e decidiu ser civilizado pelo monos no dia dos teus anos.  
- Se tivesse saudades minhas tinha-me ligado directamente.  
- Está bem. *Então* achas que se calhar tinha saudades minhas? – pergunta em tom irónico. (p. 77)

- Non capisco perché abbia telefonato. Non è per niente nel suo stile.  
- Forse gli manchi e ha deciso di fare la persona civile almeno il giorno del tuo compleanno.  
- Se gli mancavo, poteva chiamarmi direttamente.  
- *Ma dai. Scusa, mica* penserai che gli mancavo io?» mi chiede con fare ironico. (p. 75)

Apesar da aplicabilidade deste tipo de abordagem, é preciso realçar algumas das suas limitações que se devem, em primeiro lugar, à escolha do corpus. Como o texto analisado pertence à categoria de ficção, o corpus não representa discurso falado, mas a sua imitação. Essa é supostamente a razão por não termos registado *então* com função hesitante ou de preenchedor (ingl. *hesitation phenomena*; ajudam o falante a preencher lacunas na fala, mantendo ao mesmo tempo a continuidade discursiva), nem de reformulador (marcadores de que o locutor se serve procurando corrigir e emendar o seu enunciado<sup>30</sup>). A gama das funções de *então* na fala espontânea é muito mais ampla, enquanto o seu uso na escrita, por mais próximo que seja ao discurso falado, é em certa medida limitado às funções predestinadas pela ideia norteadora do autor.

É claro que algumas limitações resultam das liberdades interpretativas, tanto como da competência e do estilo pessoal do tradutor. Entretanto, independentemente desses fatores, a tarefa principal de cada tradutor deveria ser a procura do equivalente funcional mais adequado de um marcador discursivo na língua de chegada; deste ponto de vista, este tipo de estudo contrastivo fica justificado.

---

<sup>30</sup> Corresponderia, a um certo ponto, à «função resumitiva» de *então*, referida por alguns autores (p. ex. Martelotta/Silva 1996).

A análise efetuada neste trabalho pode considerar-se uma contribuição para a descrição de equivalências de *então* no italiano e, por conseguinte, para uma investigação semelhante das funções/valores de outros marcadores discursivos do português. Para tal fim, os resultados obtidos a partir da análise dos *corpora* paralelos restritos deveriam ser completados com estudos comparativos empíricos realizados nos *corpora* da fala espontânea de ambos os idiomas em questão.

## 7. Bibliografia

- Aijmer, Karin / Simon-Vandenberg, Anne-Marie [eds.]. 2006. *Pragmatic Markers in Contrast*, Amsterdam / Oxford: Elsevier.
- Bazzanella, Carla. 1994. Gli indicatori fatici nella interazione scolastica, in: *Fra conversazione e discorso. L'analisi dell'interazione verbale* [a cura di: Franca Orletti], Roma: La Nuova Italia Scientifica, pp. 233-243.
- Bazzanella, Carla. 1995. I segnali discorsivi, in: *Grande grammatica italiana di consultazione III. Tipi di frase, deissi, formazione delle parole* [a cura di: Lorenzo Renzi / Giampaolo Salvi / Anna Cardinaletti], Bologna: il Mulino, pp. 225-257.
- Bazzanella, Carla. 2001. Segnali discorsivi nel parlato e nello scritto, in: *Scritto e parlato. Metodi, testi e contesti* [a cura di: Maurizio Dardano / Adriana Pelo / Antonella Stefinlongo], Atti del Colloquio internazionale di studi, Roma, 5-6 febbraio 1999, Roma: Aracne, pp. 79-97.
- Bazzanella, Carla. 2006. Discourse markers, in Italian: towards a "compositional" meaning, in: *Approaches to discourse particles* [ed. Kerstin Fischer], Amsterdam: Elsevier, pp. 449-464.
- Bazzanella, Carla / Garcea, Alessandro / Bosco, Cristina / Gili Fivela, Barbara / Miecznikowski, Johanna / Tini Brunozzi, Francesca. 2007. Italian *allora*, French *alors*: functions, convergences, and divergences, in: *Catalan Journal of Linguistics*, 6, pp. 9-30.
- Berretta, Monica. 1984. Connettivi testuali in italiano e pianificazione del discorso, in: *Linguistica testuale* [a cura di: Lorenzo Coveri], Atti del XV Congresso Internazionale di Studi della SLI, Genova-Santa Margherita Ligure, 8-10 maggio 1981, Roma: Bulzoni, pp. 237-254.
- Berretta, Monica. 1994. Il parlato italiano contemporaneo, in: *Storia della lingua italiana*, II. *Scritto e parlato* [a cura di: Luca Serianni / Pietro Trifone], Torino: Einaudi, pp. 239-270.
- Blakemore, Diane. 2002. *Relevance and Linguistic Meaning. The Semantics and Pragmatics of Discourse Markers*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Brinton, Laurel J. 1996. *Pragmatic markers in English: Grammaticalization and discourse functions*, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Contento, Silvana. 1994. I marcatori discorsivi del colloquio psicologico, in: *Fra conversazione e discorso. L'analisi dell'interazione verbale* [a cura di: Franca Orletti], Roma: La Nuova Italia Scientifica, pp. 217-232.
- Cunha, Celso / Cintra, Lindley. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.

- Fernandez, Marie-Madeleine Jocelyne. 1994. *Les particules énonciatives dans la construction du discours*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Fischer, Kerstin / Drescher, Martina. 1996. Methods for the description of discourse particles: Contrastive analysis, in: *Language Sciences*, 18, 3/4, pp. 853-861.
- Fraser, Bruce. 1996. Pragmatic markers, in: *Pragmatics*, 6, pp. 167-190.
- Fraser, Bruce. 2006. Towards a theory of discourse markers, in: *Approaches to discourse particles* [ed. Kerstin Fischer], Amsterdam: Elsevier, pp. 189-204.
- Hansen, Maj-Britt Mosegaard. 1997. *Alors and donc* in spoken French: A reanalysis. *Journal of Pragmatics*, 28, pp. 153-187.
- Hansen, Maj-Britt Mosegaard. 1998a. *The function of discourse particles. A study with special reference to spoken standard French*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Hansen, Maj-Britt Mosegaard. 1998b. The semantic status of discourse markers, in: *Lingua*, 104, pp. 235-260.
- Heine, Bernd / Claudi, Ulrike / Hünnemeyer, Friederike. 1991. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*, Chicago / London: University of Chicago Press.
- Hopper, Paul J. / Traugott, Elizabeth Closs. 2003. *Grammaticalization*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Jubran, Clélia Cândida A. Spinardi / Koch, Ingedore G. Villaça. 2006. *Gramática do Português culto falado no Brasil: Construção do português falado*, Vol. 1, Campinas: São Paulo Editora da Unicamp.
- Jucker, Andreas H. / Ziv, Yael [eds.]. 1998. *Discourse Markers. Descriptions and Theory*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Lima, José Pinto de. 1996. O papel da semântica e da pragmática no estudo dos conectores, in: *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* [eds. Isabel Hub Faria et al.], Lisboa: Caminho, pp. 421-427.
- Lima, José Pinto de. 2002. Grammaticalization, subjectification and the origin of phatic markers, in: *New Reflections on Grammaticalization* [eds. Ilse Wischer / Gabriele Diewald], Amsterdam: Benjamins, pp. 363-378.
- Macário Lopes, Ana Cristina. 1997. Então: elementos para uma análise semântica e pragmática, in: *Actas do XII Encontro da APL*, Vol. 1, Lisboa: Colibri, pp. 177-190.
- Macário Lopes, Ana Cristina / Morais, Maria da Felicidade Araújo. 2000. Antes e depois: elementos para uma análise semântica e pragmática, in: *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXIII, 1999-2000, pp. 183-243.
- Macário Lopes, Ana Cristina / Matos Amaral, Patrícia. 2006. From time to discours monitoring: *agora* and *então* in European Portuguese, in: *Belgian Journal of Linguistics*, Vol. 20, 1, pp. 3-18.
- Marcuschi, Luiz Antônio. 1989. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções, in: *Português Culto falado no Brasil* [ed. Ataliba Teixeira de Castilho], Campinas: Ed. UNICAMP, pp. 281-318.
- Martelotta, Mário Eduardo / Rodrigues da Silva, Lucilene. 1996. Gramaticalização de *então*, in: *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional* [eds. Mário Eduardo Martelotta / Sebastião Josué Votre / Maria Maura Cezario], Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- Martelotta, Mário Eduardo. 2004. Operadores argumentativos e marcadores discursivos, in: *Gramaticalização* [eds. Sebastião Josué Votve / Maria Maura Cezario / Mário Eduardo Martelotta], Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, pp. 82-137.
- Martín Zorraquino, María Antonia / Montolío Durán, Estrella [eds.]. 1998. *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*, Madrid: Arco Libros.
- Mateus, Maria Helena Mira / Brito, Ana Maria / Duarte, Inês / Faria, Isabel Hub. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Morais, Maria da Felicidade Araújo. 2004. Elementos para uma descrição semântico-pragmática do marcador discursivo *já agora*, in: *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, Vol II [eds. Augusto Soares da Silva / Amadeu Torres / Miguel Gonçalves], Coimbra: Almedina, pp. 477-495.
- Morais, Maria da Felicidade Araújo. 2006. *Marcadores da estruturação textual: elementos para a descrição do papel dos marcadores discursivos no processamento cognitivo do texto* (dissertação de doutoramento), Vila Real: UTAD.
- Pezatti, Erotilde Goreti. 2001. O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção?, in: *DELTA*, 17(1), pp. 85-91.
- Pons Bordería, Salvador. 1998. *Conexión y conectores. Estudio de su relación en el registro informal de la lengua*, Valencia: Universitat de València.
- Portolés, José. 2001. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel.
- Pranjković, Ivo. 2004. Konjunktori, subjunktori i konektori u hrvatskome standardnom jeziku, in: *Riječki filološki dani* [ur. Irvin Lukežić], Knjiga V, pp. 457-462.
- Risso, Mercedes Sanfelice. 1996. O articulador discursivo «então», in: *Gramática do Português Falado IV: Estudos descritivos* [eds. Ataliba Teixeira de Castilho / Margarida Basílio], Campinas: Edunicamp / Fapesp, pp. 432-452.
- Risso, Mercedes Sanfelice / Machline de O. Silva, Giselle / Urbano, Hudinilskon. 1997. Marcadores Discursivos: Traços definidores, in: *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos* [ed. Ingedore G. Villaça Koch], Campinas: Edunicamp/Fapesp, pp. 21-94.
- Schiffrin, Deborah. 1987. *Discourse markers*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Schmidt-Radefeldt, Jürgen. 1993. Partículas discursivas e interacionais no português e no espanhol em contraste com o alemão, in: *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica: Homenagem a José Gonçalo Herculanio de Carvalho* [ed. Jürgen Schmidt-Radefeldt], Tübingen: Gunter Narr Verlag, pp. 63-78.
- Serianni, Luca. 1996. *Italiano*, Milano: Garzanti.
- Sperber, Dan / Wilson, Deirdre. 1995. *Relevance: Communication and Cognition*, Oxford: Blackwell.
- Soares da Silva, Augusto. 2002. Da semântica cognitiva à pragmática lexical: A polissemia de pronto, in: *Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Vol 1 [eds. Isabel Margarida Duarte / Joaquim Barbosa / Sérgio Matos / Thomas Hüsgen], Porto: CLUP, pp. 83-97.
- Soares da Silva / Augusto; Torres Amadeu / Gonçalves, Miguel [eds.]. 2004. *Linguagem, Cultura e Cognição*, in: *Estudos de Linguística Cognitiva*, Coimbra: Almedina.

- Stame, Stefania. 1994. Su alcuni usi di *no* come marcatore pragmatico, in: *Fra conversazione e discorso. L'analisi dell'interazione verbale* [a cura di: Franca Orletti], Roma: La Nuova Italia Scientifica, pp. 205-216.
- Tavares, Maria Alice. 1999. Um estudo de *ai, daí e então* como conectores no discurso oral, in: *Actas do XIV Encontro da APL, Vol. II* [eds. Ana Cristina Macário Lopes / Cristina Martins], Braga: APL, pp. 531-543.
- Velčić, Mirna. 1987. *Uvod u lingvistiku teksta*, Zagreb: Školska knjiga.
- Vilela, Mário. 1995. *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra: Almedina.

*Fontes:*

- Rebello Pinto, Margarida. 2005. *Sei lá*, Cruz Quebrada-Dafundo: Oficina do Livro.
- Rebello Pinto, Margarida. 2008. *Chi lo sa?*, Roma: Vertigo. [trad. Daniele Petruccioli]

## FUNKCIONALNI EKVIVALENTI ENTÃO U TALIJANSKOM: PRILOG PROUČAVANJU DISKURSNIH OZNAKA

U ovom smo radu pozornost usmjerili na riječ *então*, frekventnu u portugalskom jeziku, i na njezine funkcionalne ekvivalente u talijanskom. Na prvi se pogled uočava da isključivi gramatičko-semantički pristup nedovoljno rasvjetljava kategoriju koja je prošla proces gramatikalizacije – riječ *então* uvelike je izgubila svoje priložno značenje, stekavši istovremeno funkciju različitih diskursnih oznaka. Kao predložak za proučavanje različitih diskursnih funkcija riječi *então* u portugalskom, odnosno njezinih funkcionalnih ekvivalenata u talijanskom jeziku, poslužio nam je roman *Sei lá* Margaride Rebello Pinto, u usporedbi s njegovim talijanskim prijevodom *Chi lo sa?*. Odabrali smo suvremeni tekst kolokvijalnog izričaja, s namjerom da rezultati analize pridonesu sinkronijskom opisu uporabe riječi *então*, kao i njezinih funkcionalnih ekvivalenata u talijanskom.

U portugalsko-talijanskim rječnicima *então* se najčešće definira kao prilog, osnovnog vremenskog anaforičkog značenja „onda, tada“, a u talijanskom je u većini natuknica, kao semantički ekvivalent, ponuđen prilog *allora*. Na primjerima iz našeg korpusa pokazali smo da takav omjer podudarnosti ne odgovara stvarnoj uporabi riječi *allora* kao ekvivalenta portugalskog *então*. Opisali smo odgovarajuće vrijednosti/funkcije riječi *então* u slučajevima nepriloške, tekstualne i interakcijske uporabe i usporedili ih s ekvivalentima u talijanskom prijevodu.

Osnovni nam je cilj bio pokazati, uz pomoć obradbe bročanih podataka na dva istovjetna korpusa, do koje je mjere *então* gramatikaliziran u suvremenom portugalskom jeziku, opisati vrstu i učestalost njegovih diskursnih funkcija i te podatke usporediti s talijanskim prijevodom.

*Palavras-chave:* marcadores discursivos, *então*, equivalente funcional, português, italiano

*Ključne riječi:* diskursne oznake, *então*, funkcionalni ekvivalent, portugalski jezik, talijanski jezik

